

universal do século XX

M

mais uma vez tento discutir a questão do futebol. E até este artigo tem história. Faz muito tempo, muito tempo mesmo que sou solicitado a escrevê-

lo. Tenho tido dificuldade de tratar de um assunto de que gosto muito e sobre o qual já escrevi muitas vezes. Por outro lado, nesta mesma revista já se fez um “dossiê” sobre a questão e, dentre tantos estudiosos que analisaram o fenômeno, estava um dos mais inspirados conhecedores daquele que é chamado o “esporte bretão” ou “esporte das multidões”: o sempre atual Decio de Almeida Prado. São-paulino convicto e conhecedor do futebol, Decio sem-

FUTEBOL

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER

Um fenômeno

pre tratou desse esporte com a seriedade que ele merece. Mas, além do inesquecível Decio, tantos outros, como José Carlos Brunini, Roberto DaMatta, Nicolau Sevcenko, Antônio Medina Rodrigues, Waldenyr Caldas, Haroldo de Campos, Júlio Plaza, José Sérgio Leite Lopes, Francisco Costa, Luiz Henrique de Toledo e Fátima M.R.F. Antunes, fizeram desse número da *Revista USP* um divisor de águas no que diz respeito às questões futebolísticas. Depois dessa publicação nada se pode fazer quanto ao futebol sem tê-la como referência obrigatória.

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER é professor aposentado da USP e gestor do Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade de Mogi das Cruzes.

Como tratar de uma forma diferente ou nova, no século XXI, de um esporte tão vibrante que continua a merecer, pelo menos no resto do mundo, a marca de “esporte das multidões”? A última Copa do Mundo, disputada na Coreia e no Japão, um tratamento inédito para a competição, com duas sedes, foi algo a mostrar que há, em andamento, uma decisiva mudança no universo futebolístico.

Vou tentar discutir isso, que vejo como “decisiva mudança”, buscando acompanhar a trajetória do futebol, desde os tempos do amadorismo informal até o profissionalismo mercadológico. Também vou tentar não perder de vista o fenômeno da várzea brasileira, que tem manifestações distintas em cada região do país mas, na base, todas elas são fundamentadas num mesmo núcleo que as suporta. Tenho certeza de que a várzea – esta entendida, inicialmente, como as competições disputadas ao longo das margens dos rios que banham a cidade de São Paulo, as margens dos rios, de onde, talvez marginais, como eram vistos os jogadores; não esqueçamos, também, as partidas disputadas nas praias de cidades litorâneas ou no aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, assim como os campeonatos disputados em fazendas e sítios em todo o interior do Brasil –, por toda sua forma, é produto genuinamente brasileiro. Até hoje sinto falta de um estudo intenso e extenso sobre esse “futebol informal”, que existe desde os tempos iniciais da prática do futebol e continua até hoje a alimentar o amor a esse esporte. E o futebol não deixa de ter importância para os brasileiros porque, mesmo em momentos de crise nos setores macrovalorizados pelo profissionalismo, os “times de esquina” continuam a existir e a disputar partidas isoladas ou campeonatos bem organizados (vale esclarecer que o que se chama de “time de esquina” é aquele que reúne um grupo de pessoas que gostam de jogar futebol e que se encontram em lugares diferentes, num bar de esquina, num estacionamento, numa praça, e quando têm 13 ou mais jogadores vão se encontrar com o adversário no sábado ou domingo num campo qualquer, de um bairro, onde ainda

exista espaço para jogar. Acabado o jogo, depois da confraternização, todos se despedem até a próxima partida. Esses times não têm regras escritas, muito menos estatutos ou coisas que tal. Há alguém que coordena tudo, em cada um deles, mais o roupeiro e, quando muito, um massagista, que também joga).

Vale, também, anotar que, em geral, quando se organizam disputas mais prolongadas – como campeonatos ou torneios – com premiações de taças e troféus, além das indispensáveis medalhas, tudo é muito bem arranjado e, mesmo nas possíveis desavenças entre times e organizadores, há regras (não escritas) a serem seguidas e que sempre são respeitadas. Sempre me impressionei muito com essas práticas da várzea paulistana, onde não há qualquer quantia de dinheiro envolvida (há exceções, é bom deixar claro), como recompensa a jogadores e organizadores. O que acontece, ainda hoje, é que o jogador “paga” para jogar, pois dele se cobra uma taxa para as despesas mais simples como a lavagem de uniformes, gasolina dos carros que levam os atletas e coisas que tal. Muitos pesquisadores têm cuidado do fenômeno, mas, pela dificuldade de registros e documentos, muito da preciosidade do futebol varzeano está se perdendo e, dessa forma, não só a memória mas também a história desse esporte vão sendo enterradas. E, na medida em que os homens que fizeram parte dessa história desaparecem, mais difícil ainda retomar o passado e com ele as origens de todo o poderio do futebol brasileiro, único a chegar a um pentacampeonato.

Não se pode isolar o fenômeno do futebol brasileiro daquele que existe em todo o mundo, nos tempos atuais, porém eu vou me deter, com ênfase, à nossa maneira particular de “fazer” futebol.

Quando falo em como “fazemos” futebol, quero dizer como o praticamos no campo e como o dirigimos fora de campo. Desde sempre e com raras exceções, os nossos dirigentes (de clubes, federações, confederação) sempre foram e continuam sendo amadores. E, no atual estágio do futebol no Brasil e no mundo, com a alta

profissionalização dos atletas, não é concebível essa particular situação. Aí fica uma pergunta: não será por toda nossa peculiaridade e até por conta de uma constante improvisação que o Brasil é o único pentacampeão do mundo? Essa é uma questão que precisa de maiores análises e de estudos especiais para uma resposta conclusiva. Não serão pesquisas acadêmicas que responderão a esse ponto e nem livros e mais livros de profissionais da imprensa. Serão necessários estudos realizados por equipes multidisciplinares, que conseguirão trazer elementos seguros para esclarecer melhor o tema aqui levantado. Vamos esperar que isso aconteça.

A história do futebol brasileiro começa no século XIX, oficialmente com a chegada das primeiras bolas e uniformes para sua prática, trazidos por Charles Miller, no ano de 1894. Para muitos estudiosos, já havia a prática do “jogo da bola” no interior de São Paulo, em Itu. Para muitos outros poderiam ter ocorrido muitas partidas de futebol no nosso litoral, tanto no Norte como no Nordeste e no Sudeste do Brasil. Seriam jogos disputados entre brasileiros e marinheiros estrangeiros que chegavam em navios de diferentes bandeiras, mas com maior frequência com os ingleses. Isso também dará oportunidade para serem defendidas muitas teses nas diferentes universidades brasileiras. Eu ficarei com a data oficial de 1894 como sendo a do início da prática do futebol entre nós. Gosto de lembrar que o futebol, o esporte mais democrático entre todas as modalidades de esporte praticadas em todo mundo, começou a existir, no Brasil, no mesmo ano em que o primeiro presidente civil – Prudente de Moraes – tomava posse. Já escrevi sobre isso, mas nunca é pouco repetir sobre essa coincidência... Posso acrescentar ao termo democrático o de revolucionário, como o fez Carlos Byington, em seu artigo “Nos Conflitos Simbólicos da Alma Coletiva”, publicado numa revista em agosto de 1982 (*SPCultura*, ano I, n. 1, órgão da Secretaria de Estado da Cultura, sob a responsabilidade de Enio Squef).

Vale introduzir trechos fundamentais de Byington, que ajudam a esclarecer o porquê de ser tão forte o futebol na nossa vida, como este, por exemplo:

“[...] O futebol é um jogo que emociona multidões, ocupando em nossa cultura a função de esporte nacional que nos levou já muitas vezes à consagração internacional. Espero que o estudo dos símbolos do futebol, que passarei a fazer, sirva não somente para abrir o caminho e ligar mais nossa consciência coletiva ao coração do nosso povo [...]”

Mas o trecho seguinte de Byington é, no mínimo, essencial, pois nos conduz ao âmago da questão:



“[...] O futebol sempre foi um jogo revolucionário por grandes razões. Por ser associado desde seu início ao Carnaval, festival sabidamente ligado à liberação das emoções e instintos. *Por ser jogado com os pés numa cultura que se tornava cada vez mais organizada e controlada através do padrão patriarcal usado repressivamente. Por ser um esporte coletivo e contrariar os esportes individualistas das elites dominantes. Por dirigir as emoções do povo para uma disputa que acabava bem e que por isso desviava o interesse do povo dos torneios patriarcais vigentes, que terminavam com*

tes e preferiram disputar sua rivalidade no futebol, ao invés de guerrear-los [...].

[...] Minha tese é atribuir a evolução do futebol à atividade do inconsciente coletivo na transformação da cultura, da mesma forma que nossos costumes populares, obras de arte, mitos, crenças e religiões. Acredito que podemos afirmar que o futebol se implantou revolucionariamente sem proselitismo, só e exclusivamente a partir da alma do povo, de baixo para cima, transformando-se num exemplo de evolução cultural também revolucionário diante das teorias clássicas da História [...].”



Time do Bangu em 1911

a morte do adversário, e de esportes como o arco e flecha, que preparavam o povo para a guerra. O futebol se caracterizou desde o início como um encontro de opostos onde o conflito comunitário é admitido, exercido e subordinado a um fim pacífico, conteúdo essencial de nosso Mito Messiânico e absolutamente revolucionário diante do padrão repressivo patriarcal. Tão antipatriarcal e antiguerreiro foi sempre o futebol, que uma guerra entre a Inglaterra e a Escócia em 1297 acabou desmoralizada porque os soldados de Lancashire, tradicionais inimigos dos escoceses, desobedeceram seus comandan-

Durante o recente conflito internacional, ou melhor, durante a invasão do Iraque pelas forças dos Estados Unidos e da Inglaterra, esta idéia de o futebol ser antiguerreiro voltou com vigor ao meu pensamento. Por quê? Porque assistia pela TV a um *show* de música popular brasileira quando ouvi, de Beth Carvalho, algo semelhante, com a afirmação de que, se os soldados da chamada coalizão jogassem futebol e dançassem samba, quando muito fariam amor e nunca a guerra. O nosso povo é, realmente, sábio ...

Essas evolução e revolução, no Brasil, datam dos primeiros anos de disputas entre times brasileiros, nos estados e entre estados, e, também, de algumas pelepas internacionais. Tudo, durante uma fase de consolidação do esporte, que foi até 1914-15 do século XX. Como tantas vezes já foi dito e outras tantas escrito, depois dos primeiros anos dessa chamada consolidação começou a haver uma significativa e acentuada mudança na prática do futebol; não dentro do campo, com alterações de regras ou questões correspondentes, mas fora dele, com a tentativa de conquistar novos adeptos para esse esporte que crescia a olhos vistos.

Uma alteração fundamental foi realizada pelas fábricas, tanto de São Paulo como do Rio, que começam a fazer campos de futebol dentro de sua propriedade ou nas proximidades de suas sedes para atrair e manter operários nos seus quadros funcionais. O campo de futebol era mais um atra-

tivo. Junto a isso, começaram também a fazer parte dos times de futebol não só os jogadores de baixa renda mas também os negros e mulatos. A alteração que vai sendo processada, em função do futebol, é mais uma demonstração do caráter democrático do jogo, mas ainda mais o seu tom revolucionário. Embora times como o Paulistano continuassem a manter quadros (o mesmo que times) de futebol, apesar de serem clubes de elite, com o correr dos anos tudo foi sendo alterado. O Paulistano, depois de uma excursão vitoriosa pela Europa e de se transformar numa primeira vitrine dos jogadores brasileiros voltada para o mundo, acabou com a prática futebolística por não concordar com o profissionalismo no futebol. Os dirigentes do Paulistano não aceitavam a idéia de que o jogador ganhasse para praticar o futebol. Para eles o amadorismo e o lúdico tinham que prevalecer. Derrotados pelas mudanças da década de 30 do século XX, acabaram com o time de futebol e os jogadores consagrados que estavam nas fileiras do clube acabaram por ir jogar em outras agremiações que já existiam ou que foram fundadas então, como o São Paulo Futebol Clube, então do Canindé e depois do Morumbi. Nas décadas de 30 e de 40, é preciso lembrar da profunda mudança ocorrida na cidade de São Paulo com a construção do Pacaembu e no Rio de Janeiro com o Maracanã, o maior estádio de futebol do mundo. Tanto o Pacaembu como o Maracanã são, ainda, símbolos de um esporte que se consolidava como o “esporte das multidões”.

O ano de 1950 é um divisor de águas para o futebol, tanto por ser o momento da retomada do campeonato mundial, depois da Segunda Guerra Mundial, como por ele ser disputado no Brasil. Antes da grande disputa mundial no Maracanã outras três copas foram jogadas: no Uruguai, Itália e França. O Brasil vivia, nas décadas de 40 e 50, um período de crescimento em todos os setores e pôde, com maestria, construir o grande estádio para celebrar a nossa vitória, que não aconteceu, pois perdemos, no último jogo, para o Uruguai. Nunca se viu comoção maior que aquela, só comparável

com a da morte de Getúlio Vargas. Sobre o campeonato do mundo em 1950 duas obras são fundamentais: a de Thomaz Mazzoni (Olimpicus) e de Paulo Perdigão. Olimpicus, em *História de Futebol no Brasil*, recupera a evolução do esporte e sua história, desde a introdução no século XIX até as vésperas da disputa no Maracanã; Paulo Perdigão, em seu incomparável *Anatomia de uma Derrota*, recupera com propriedade todo o momento que precedeu a grande disputa e tudo o que aconteceu, no Maracanã, nos dramáticos 90 minutos do jogo. Depois deles muito se tem escrito e não é pequena a bibliografia sobre o futebol brasileiro. Muito se acrescentou, é verdade, mas esses são livros básicos e seminais.

Assinalei o ano de 1950 como um divisor de águas. Creio que a derrota, como acontecida no Maracanã, foi a lição que todos nós precisávamos e, logo depois de 1950, com o esforço de uns poucos entusiasmados esportistas e torcedores brasileiros, tudo foi sendo reformulado em termos de futebol, em especial no que se referia às seleções nacionais. Estou convencido de que se não tivéssemos perdido e da forma como o foi não teríamos conseguido o brilhante tricampeonato do México, em 1970. Depois, até como é natural, esperamos por mais 24 anos e 5 copas para, de novo, erguer a taça. Foram tempos de novas crises internas e profundas mudanças nas práticas esportivas, no Brasil e no mundo.

Não se pode e nem se deve esquecer do papel que a televisão passou a exercer nas questões ligadas ao futebol. Em primeiro lugar porque futebol e TV fizeram um casamento perfeito. Depois dos primeiros percalços com as colocações de câmeras e os cortes nas produções e reproduções e, além do mais, com os avanços tecnológicos e os recursos de revisão imediata dos lances, a TV passou a ser a maior aliada do futebol e de sua popularidade. Também é responsável, em alguns países como o Brasil, pela evasão do público dos estádios e campos de futebol. Não é mesmo o que acontece na Europa e nos países asiáticos, africanos, enfim. É claro que existem outros fatores que contribuem para a ausência

de público das manifestações públicas. Basta lembrar a violência e a falta de segurança, porém, acho que é ainda mais que isso. Fazemos um paralelo com tantas outras festas, como eventos religiosos, de outros esportes, cívicos, enfim. Parece que está havendo um descaso com todas as nossas tradições e o futebol se insere, no Brasil, como algo tradicional. Basta traçarmos um paralelo entre o nosso patrimônio histórico e artístico nacional e os monumentos arquitetônicos (onde os campos de futebol mais tradicionais se incluem) de cidades grandes, médias e pequenas com o próprio “jogo da bola” para avaliarmos com que descaso tudo é tratado. As lembranças desse descaso são evidenciadas se pensarmos no que aconteceu recentemente em Ouro Preto e acontece, todos os dias, em cidades como Mogi das Cruzes, Campinas, São Paulo, Taubaté, e tantas outras do Vale do Paraíba, do oeste paulista, enfim. Apesar das conquistas internacionais da Seleção Brasileira de Futebol, quais são os clubes brasileiros que nas últimas décadas têm conseguido participar de torneios importantes fora do país? Um ou dois, não se pensando nas fases iniciais da Copa Libertadores da América. Enquanto os clubes participaram e participam, com frequência, de campeonatos no continente americano, as nossas seleções nacionais pouco participaram dos sul-americanos. Em parte porque quase nunca disputávamos as “eliminatórias” e, talvez, porque não valorizássemos essas competições. É tema a conferir...

É quase um descaso o que ocorre com o nosso futebol, principalmente com aquele ligado às disputas internas, o que conduz ao desaparecimento de clubes tradicionais do interior e ao rebaixamento de categoria de alguns times considerados “grandes”, nos campeonatos regionais e nacionais. O Brasil tem se mostrado um país sem cuidado quanto aos seus valores maiores. Embora até pouco não tão valorizado, o futebol não pode ser relegado a plano inferior, pois é um valor maior de nossa cultura. Creio que isso em grande parte acontece porque a escola deixou de ser o melhor instrumen-

to para ensinar o que são os valores e, diante do fracasso da escola, em todos os níveis, não tem havido nada que a substitua e assim as gerações mais novas perdem os vínculos com o passado e com o que é mais tradicional do país. É muito freqüente que muitos grupos de garotos, hoje, estejam mais estimulados por esportes individuais (tênis, golfe, *skate*, esportes radicais) do que por esportes coletivos como o próprio futebol, o basquete, o vôlei. Há muitas variáveis a contribuir para isso e dentre elas a própria TV, que valoriza, em sua programação, muitos esportes diferenciados. Pode-se argumentar que tem muito futebol na TV, o que também é verdade, porém, da forma como é programado, o que está acontecendo é que até os mais apaixonados fãs do “esporte-rei” começam a ficar saciados. Não se fez, ainda, uma pesquisa para detectar o número de jovens e adolescentes que assistem aos jogos de futebol pela TV; se for feito com certeza haverá uma grande surpresa. Creio eu que poucos são os meninos que assistem a jogos pela TV e acompanham os campeonatos como a minha geração o fazia.

Mas voltemos aos anos 70 do século XX. Com a Copa Mundial do México e a conquista do tricampeonato, o Brasil, mais uma vez, abriu para os seus atletas as portas do mundo; muitos jogadores deixaram os clubes brasileiros para serem contratados pelos clubes europeus, asiáticos, africanos. Repetiu-se, um pouco (em escala maior, é verdade), o que se passou na década de 30, depois da excursão vitoriosa do Paulistano pela Europa. Aliás, a presença de jogadores brasileiros no resto do mundo também merece uma análise, que demandará um acompanhamento do jogador, em especial, dos jovens que acreditam nas propostas recebidas e nem sempre conseguem alcançar seus objetivos. Já assistimos a bons documentários sobre o tema, mas com o enfoque das aventuras de jovens, no Brasil. Ninguém, ainda, produziu um documentário amplo sobre a vida dos jovens sonhadores que encontraram empresários com propostas tentadoras. Quantas centenas de garotos e jovens atingiram seus objetivos

fora do Brasil? Não estou me referindo nunca aos jogadores já formados e que acabaram em grandes clubes europeus e japoneses e fizeram suas fortunas; penso naqueles que, com potencial, não passam de alguns meses treinando e nunca conseguindo atingir o estrelato. Ficam marginalizados em países do velho continente ou retornam ao Brasil, sem clubes e desiludidos. Contradições dentro de uma profissão tão valorizada e vivendo muito de uma crise mais geral, mas também específica.

Paradoxalmente vivemos, nas últimas duas décadas, entre o final do século XX e o início do XXI, tempos de salários estratosféricos para os jogadores considerados “de seleção” e tantos outros, quase tão bons, com salários ridículos; isso acontecendo até nos grandes clubes. As cifras do futebol europeu são inatingíveis, até pela nossa imaginação. É claro que os valores atingidos acabaram trazendo problemas para os grandes times de futebol de todo o mundo. Talvez os exemplos de Itália e Espanha mereçam menção e façam todos nós pensarmos no que se deve fazer para o equilíbrio do esporte no Brasil e no mundo.

Este é o momento de voltarmos às questões iniciais deste pequeno artigo, quando falávamos das “mudanças profundas” pelas quais estaria passando o futebol e na observação de que ele nunca seria o mesmo depois da experiência do Campeonato Mundial da Coreia e Japão. Aquele “jogo de bola”, que continua a existir e se pratica nos bairros da capital paulista e nos “campinhos” de qualquer cidadezinha do interior do Brasil, tem como contraponto o grande espetáculo, apresentado para o mundo no mesmo instante em que ele acontece, seja sua sede no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Nordeste do Brasil, seja em Amsterdã, Roma, Paris, Londres ou Madri. Os valores financeiros envolvidos merecerão, num futuro não muito distante, um estudo cuidadoso e, então, encontraremos dados de tal ordem que poderão elucidar e de forma irrefutável o porquê da permanência dos “times de esquina” e dos campeonatos varzeanos, com o vigor que têm e as crises, aparentemente, incontornáveis

do final de milênio e seus reflexos no início deste novo momento do século XXI no que diz respeito ao futebol profissional e à escala a que foi conduzido pela diretriz do capitalismo internacional, que norteia todas as atividades humanas do nosso tempo. Não trago para esta discussão o sempre polêmico debate do “amor à camisa” e o profissionalismo “mercenário”, pois seria uma discussão infundável e me obrigaria a tratar do assunto por longo tempo, tentando sustentar os meus pontos de vista, o que não vem ao caso.

Quero, no entanto, ressaltar um ponto, que me parece muito importante para melhor entendermos este fenômeno indiscutível que é o futebol. Creio que muitos estudiosos do tema não tenham mais na lembrança aquilo que considero um marco na história da literatura futebolística. Estou tentando resgatar uma iniciativa da Federação Paulista de Futebol (FPF) que promoveu um Concurso Literário para marcar os 60 anos do futebol no Brasil, que seria comemorado em 1954, mesmo momento do IV Centenário da Cidade de São Paulo. O mais interessante, ainda, é que os ganhadores do concurso tiveram os seus trabalhos publicados em livro. O então presidente da Federação Paulista de Futebol, na apresentação da publicação, cujo título é “O Porquê deste Trabalho”, enfatiza:

“[...] O ano de 1954 trouxe para nós, paulistas, um duplo motivo de júbilo: marcou a passagem do IV Centenário de São Paulo e viu transcorrer o 60º aniversário do futebol brasileiro. [...] A FPF não poderia, certamente, deixar de comemorar o transcurso desse evento. Várias foram as formas por que se manifestou o júbilo de nossa entidade maior. Era preciso, porém, algo que perdurasse, que transmitisse aos anos futuros a satisfação do presente. [...] Surgiu daí a idéia de um concurso literário. [...] A iniciativa alcançou pleno sucesso. Várias dezenas de concorrentes se apresentaram, com ótimos trabalhos, criando real embaraço às comissões julgadoras para, dentre eles, decidir. Houve, finalmente, o julgamento e os prêmios foram distribuí-



dos.[...]Decidiu-se, então, reuni-las em um volume. É o presente trabalho.[...]

Segue a assinatura de João Mendonça Falcão, então, o presidente.

Foram publicadas 14 monografias. Todas concorreram com pseudônimo dos autores. Todos acabariam ocupando lugar de destaque na vida esportiva de São Paulo como jornalistas. A maioria especializada em futebol. Identifico-os: Adriano Neiva (o Devaney); Thomaz Mazzoni (Olimpicus), Paulo Várzea, Osvaldo da Silveira, Mansur Nora, Felipe Carlos Savoia, Plínio de Assis e Flávio Iazzetti. Alguns deles concorreram com mais de uma monografia.

Considero digna de registro essa iniciativa, pois era um momento de registros da importância de nossa história e a Federação, além de todas as competições programadas, teve o cuidado de fazer algo para ficar e transmitir. Quase cinquenta anos depois estou voltando a esse concurso e, de novo, falando dele. Tinha razão Falcão quando afirmou: “Era preciso, porém, algo

que perdurasse [...]”. Perdurou e foi, certamente, um estímulo para aqueles que começavam a tratar do futebol com a seriedade que ele merece.

Atualmente a bibliografia sobre o fenômeno do século XX – o futebol – é extensa, embora digam muitos que pouco se escreve sobre o tema. Escreve-se e muito e as obras publicadas são de valor e natureza vária, porém contribuem para que as questões referentes ao futebol ou ao “jogo da bola” (como gosto de o denominar) não se percam e a história, com muitas lacunas, é claro, possa ir sendo recuperada.

Através das narrativas cuidadosas dos historiadores, das ponderações dos antropólogos, dos psicólogos, dos literatos, dos sociólogos e dos imprescindíveis jornalistas teremos, no correr dos tempos, uma visão bem clara do esporte que, nascido na elite, foi incorporado pelo povo e, ao evoluir no profissionalismo, foi nas malhas do capitalismo se transformando em grande negócio e acabou sendo um fenômeno universal.

BIBLIOGRAFIA

Sobre o futebol, não considerando os jornais especializados, as revistas, panfletos e edições comemorativas, encontramos uma infinidade de obras, a maioria delas volumes alentados. Não caberia aqui uma extensa relação de livros e, por isso, resolvi selecionar uma dezena deles. Não há, nesta escolha, juízo de valor; houve, sim, a preferência deste professor de História, que ama o futebol, mas na sua essência, que é o jogo pelo jogo, pelo lúdico e porque acredita que todo esporte congrega, e o futebol (por sua simplicidade) congrega e aproxima as pessoas, os clubes, os times, os estados e as nações. Cito os seguintes livros:

- ARQUIVO EM IMAGENS nº 2, Série Última Hora/Futebol São Paulo – coleção de textos de vários autores, baseados no acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- DAMATTA, Roberto; NEVES, Luís Felipe Baeta; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. *Universo do Futebol – Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Edições Pinakothek, 1982.
- F.P.F.-CONCURSO LITERÁRIO – *60 Anos de Futebol no Brasil – 1894/1954*. Coletânea de Monografias. São Paulo, 1955.
- MÁRIO FILHO. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- MAZZONI, Thomaz. (Olimpicus). *História do Futebol no Brasil*. São Paulo, Edições Leia, 1950.
- MORRIS, Desmond. *The Soccer Tribe*. London, Jonathan Cape – Thirty Bedford Square, 1981.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no Futebol*. São Paulo, Hucitec/Fapesp, 2002.
- WITTER, José Sebastião. *Breve História do Futebol Brasileiro*. São Paulo, FTD, 1996.
- _____. *O que É Futebol*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
-